

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 A pesquisa e o ensino das ciências humanas [recurso eletrônico] :
mudanças e tendências / Organizadoras Denise Pereira, Janaína
de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-220-3

DOI 10.22533/at.ed.203202207

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia.
I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um dos aforismos famosos do filósofo estóico romano Seneca é dizer que a pessoa quando ensina, aprende. De fato, a profunda relação entre ensinar e aprender é retomada, de tempos em tempos por diferentes pensadores de diversos países.

Essa preocupação se dá justamente por que, enquanto seres humanos estamos envolvidos, a todo momento com as distintas dimensões de ensinar e aprender e com a produção de conhecimento como um todo. Pensar, refletir aprender, são ações essencialmente humanas, momentos de construção de todo um escopo de experiências coletivas e individuais. Ainda que não esteja presente na frase de Sêneca do começo deste texto, outra dimensão nessa relação de ensinar e aprender é o ato de pesquisar. Não podemos dizer que a pesquisa figura exatamente como um “elemento oculto” do aforismo, (ou seja, que não é citado, mas está presente). Ainda assim, não é incorreto dizer que o ato de pesquisar é um sustentáculo de todo e qualquer ensino. De fato, não há ensino sem pesquisa, e não há pesquisa sem divulgação do saber o que é, de certa maneira, ensino.

A palavra pesquisa tem estado muito presente do nosso senso comum, nossa vida cotidiana, uma pesquisa pode envolver tanto a busca por menores preços, ou informações concretas para a tomada de uma decisão cotidiana qualquer, como também pode se referir a raciocínios e processos complexos e controlados em procedimentos substanciais de produção do conhecimento. Um modo de vida. Em comum, ambos os significados tem o fato de que a pesquisa é um elemento fundante da experiência humana. Na área de ciências humanas, as investigações feitas, como é da própria natureza da área, sempre existe um amálgama bastante presente entre pesquisa, seus métodos e paradigmas e o ensino. Neste sentido temos assistido, no século XXI uma mudança significativa. Se a sociedade muda e novas são suas demandas, aspirações e necessidades, muda também o entendimento dos diferentes fenômenos sociais e as exigências inerentes ao seu processo de ensino. Assim, no mundo em que vivemos com o crescimento do espaço ocupado pelo ambiente virtual, as demandas de conhecimento e do mercado de trabalho da atualidade, balizam mudanças constantes que visam entender esse movimento ininterrupto, suas transformações e tendências.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE BULLYING	
Laís Caroline Amaral de Almeida Luciana Aparecida Nogueira da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.2032022071	
CAPÍTULO 2	18
A CONSTRUÇÃO DE UM PESQUISADOR A PARTIR DE SUAS IMPLICAÇÕES E INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE INSTITUCIONAL	
Mayhara Alves de Lima Aidecivaldo Fernandes de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2032022072	
CAPÍTULO 3	29
A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
André Luis Quinelato Claudia Gallert Graziela Cantelle de Pinho Isadora Goedert Jacqueline Maria Duarte Lewandowski Jéssica Fernanda Wessler Ferreira Luzia Alves da Silva Silvana Lazzarotto Schmitt Telma Beiser de Melo Zara	
DOI 10.22533/at.ed.2032022073	
CAPÍTULO 4	41
A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FRENTE A DIMENSÃO SOCIAL DO SUJEITO	
Maria Adalgiza Albuquerque Succi	
DOI 10.22533/at.ed.2032022074	
CAPÍTULO 5	55
AÇÕES AFIRMATIVAS: VAGAS PARA GRUPOS SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)	
Júlio César Xaveiro dos Santos Divina Aparecida Leonel Lunas	
DOI 10.22533/at.ed.2032022075	
CAPÍTULO 6	64
EDUCAÇÃO DO CAMPO E MOVIMENTOS SOCIAIS: UM EXEMPLO TEÓRICO E PRÁTICO NO ESTADO DO PARÁ	
Joaquim Augusto Souza de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.2032022076	
CAPÍTULO 7	91
ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO PARA UM(A) “PESQUISADOR(A) EMANCIPADO(A)” NAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Lara Brum de Calais	
DOI 10.22533/at.ed.2032022077	

CAPÍTULO 8	106
EXPANSÃO, ENADE E INDICADORES DE QUALIDADE DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Ana Lúcia Cunha Duarte Ana Beatriz Frazão da Silva Rafael Mendonça Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.2032022078	
CAPÍTULO 9	118
FAZER PESQUISA EM HUMANIDADES HOJE, OU SOBRE OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO CAMPO CIENTÍFICO	
Rubens da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.2032022079	
CAPÍTULO 10	134
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO INFANTIL: O ALUNO COMO PROTAGONISTA DA APRENDIZAGEM	
Larissa Andrade Silva Elisabete Tomomi Kowata	
DOI 10.22533/at.ed.20320220710	
CAPÍTULO 11	142
O PAPEL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E AS TEORIAS CRÍTICAS: CONTRIBUTO DOS ENUNCIATIVOS CONTEMPORÂNEOS	
Fábio Brum Diego da Costa dos Santos Diogo Dias de Paula Muniz	
DOI 10.22533/at.ed.20320220711	
CAPÍTULO 12	153
PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA: SAÍDAS POSSÍVEIS SOB A ÉGIDE DA DEMOCRACIA	
Humberto Teixeira Ramos Lilian Miranda Bastos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.20320220712	
CAPÍTULO 13	171
POR UM ENSINO TRANSDISCIPLINAR: UM ENSAIO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	
Josimar Monteiro Santos	
DOI 10.22533/at.ed.20320220713	
CAPÍTULO 14	182
QUEM REPRESENTA OS ESTUDANTES? DEMOCRACIA E UNIDADE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	
Isabella Yi Ni Vargas Chen Antonio Euzébios Filho	
DOI 10.22533/at.ed.20320220714	
CAPÍTULO 15	201
RELAÇÕES INTERPESSOAIS: REFLEXOS NO ENSINO	
Jânia Félix de Jesus Ferreira Núbia de Fátima Félix Ferreira Altina Abadia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.20320220715	

CAPÍTULO 16	212
FRACASSO ESCOLAR E EVASÃO: UM ESTUDO SOBRE A DIFICULDADE PARA LER E ESCREVER Karla Aparecida Zucoloto DOI 10.22533/at.ed.20320220716	
CAPÍTULO 17	217
UM BREVE HISTÓRICO DAS FEIRAS DE CIÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE/RR - 1997 A 2019 Marilene Kreutz de Oliveira Ivanise Maria Rizzatti Lenir Santos do Nascimento Moura Jesucina do Nascimento Moura Oliveira Eliaquim Barbosa Pereira DOI 10.22533/at.ed.20320220717	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	231
ÍNDICE REMISSIVO	232

ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO PARA UM(A) “PESQUISADOR(A) EMANCIPADO(A)” NAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Data de aceite: 01/07/2020

Lara Brum de Calais

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora,
CES/JF

Universidade Federal do Ceará, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia
Fortaleza, Ceará

RESUMO: O presente capítulo teve como objetivo discutir elementos metodológicos que viabilizam uma aproximação dos campos de pesquisa na área das Ciências Humanas e Sociais. As argumentações problematizam estratégias de investigação que criem condições para um percurso metodológico emancipado para o trabalho de campo em pesquisas de referencial participativo. Para tanto, aborda-se o recorte de uma pesquisa etnográfica realizada na ocasião da tese de doutorado da autora, propondo interlocuções sobre o processo de trabalho de campo, com a proposta de um(a) pesquisador(a) emancipado(a). A ideia de emancipação é discutida a partir da perspectiva do filósofo Jacques Rancière, que provoca a posição do espectador emancipado na metáfora com as produções artísticas como parte da esfera política. Neste sentido, as possibilidades

de relação com a cena traduzem, de certo modo, os ensaios de aproximação com o campo de pesquisa – especialmente daqueles(as) pesquisadores(as) que almejam um trabalho de campo engajado. Como ilustração das estratégias de aproximação e realização da investigação, serão discutidas três ferramentas utilizadas durante a pesquisa desenvolvida, sendo elas: a observação participante, o diário de campo e as conversas do cotidiano; apostando na triangulação para uma aproximação que compreenda a complexidade das experiências. As argumentações desse capítulo apresentam como resultado proposições que contribuem para a reflexão sobre os potenciais e efeitos ético-políticos das pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, especialmente na Psicologia; além da aposta em formas de produção de conhecimento que pautem uma perspectiva na qual o pesquisador-espectador possa assumir posição ativa na transformação da realidade investigada.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa de campo; emancipação; observação participante; diário de campo; Psicologia.

ABSTRACT: This chapter aimed to discuss methodological elements that make possible an approximation of the research fields in the area

of Human and Social Sciences. The arguments problematize research strategies that create conditions for an emancipated methodological path for fieldwork in participatory referential research. To this end, we approach the clipping of an ethnographic research carried out at the time of the author's doctoral thesis, proposing interlocutions about the fieldwork process, with the proposal of an emancipated researcher. The idea of emancipation is based from the philosopher Jacques Rancière perspective, who provokes the position of the viewer emancipated in the artistic productions metaphor as part of the political sphere. In this sense, the possibilities of relationship with the scene reflect, in a way, the tests of approximation with the field of research - especially of those researchers who aspire to engaged field work. As an illustration of the strategies for approaching and carrying out the investigation, three tools used during the developed research will be discussed, namely: participant observation, the field diary and everyday conversations; betting on triangulation for an approach that understands the complexity of the experiences. The arguments in this chapter result in propositions that contribute to the reflection on the potential and ethical-political effects of research in the areas of Human and Social Sciences, especially in Psychology; in addition to betting on forms of knowledge production that guide a perspective in which the researcher-viewer can take an active position in the investigated reality transformation.

KEYWORDS: Field research; emancipation; participant observation; field diary; Psychology.

1 | INTRODUÇÃO

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (FOUCAULT, 2009, p.13),

O presente capítulo tem como objetivo reunir estratégias de aproximação do cotidiano para pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais – especialmente em Psicologia – com metodologias participativas. Para tanto, pauta a configuração de um conjunto de estratégias que podem viabilizar tal aproximação de modo a reconhecer o contexto investigado e considerar sua complexidade histórica e social. As estratégias, também denominadas de ferramentas de pesquisa, serão apresentadas a partir da interface com uma pesquisa realizada pela autora em sua tese de doutorado, incluindo um processo etnográfico, com inserções em cenas do cotidiano das Redes de Jovens Vivendo com HIV/Aids.

Pautar a discussão de modos de aproximação da realidade em pesquisas científicas convoca, necessariamente, para a problematização sobre o rompimento com tradições positivistas de pesquisa com base fundante na ideia de neutralidade. Assim, assume-se a perspectiva de que a participação no cotidiano pesquisado enseja diferentes formas de ver o mundo e modos de subjetivação da vida (BATISTA, BERNARDES; MENEGON, 2014; GALINDO, MARTINS; RODRIGUES, 2014).

Considerando tais compreensões sobre a produção de conhecimento, as

problematizações que se seguem estreitam relações com leituras da filosofia política, nas quais o sentido de se investigar o mundo se alia à capacidade de posicionamento ético e político de produção do mesmo. Neste sentido, o paradoxo proposto por Rancière (2010b) sobre a atuação do que ele denomina de “espectador emancipado” na alusão às formas artísticas e seus potenciais de rupturas políticas; foi utilizado no texto para dar sustentação a proposta de existência de pesquisadores(as) emancipados(as), ou seja, de caminhos de investigação científicas nas Ciências Humanas e Sociais que se façam em meio aos processos de relação com o campo enquanto ato de transformação da realidade. Assim, estabeleceu-se a relação entre os ensaios de aproximação com o campo de pesquisa e as nuances de participação na metáfora com o teatro, apostando que o campo de investigação se configura como palco sobre o qual as cenas e tramas se desenham, e o(a) pesquisador(a) tem a função de transitar entre os distintos espaços que compõem a peça. Da plateia ao palco, do palco aos bastidores, do reconhecimento dos atores aos personagens, do entendimento da trama, a identificação de sua posição em meio aos acontecimentos.

Tal intento toma como ilustração os recortes de campo de pesquisa realizada pela autora, que investigou a formação coletiva de jovens que vivem com HIV/Aids, tendo como estratégias de aproximação e levantamento de informações a triangulação de ferramentas – a saber, a observação participante, o diário de campo e as conversas com informantes – possibilitando um horizonte de (re)conhecimento das realidades e relações presentes nos contextos da pesquisa. Tais ferramentas se configuram como modos de operacionalizar investigações que preocupem-se com o cotidiano e com a manutenção das dimensões éticas e políticas de produção de conhecimento sobre a realidade (ROCHA; ECKERT, 2008). Desse modo, pretende-se escapar de formas de apropriação e codificação da produção acadêmica, fomentando a articulação de saberes localizados e reflexões metodológicas (HARAWAY, 1995).

2 | DO “ESPECTADOR EMANCIPADO” AO/À PESQUISADOR(A) EMACIPADO(A)

No caminho do campo de pesquisa de base participativa, constrói-se um roteiro, mas aprende-se que ele precisa funcionar como bússola e não como gesso para as experiências em campo. Neste sentido, tomando como linha de condução a leitura de Jacques Rancière (1996) nas concepções advindas da filosofia política, especialmente no que diz respeito a (re)configuração estética das relações sensíveis operada pela política, serão apresentados alguns caminhos possíveis na direção do entendimento sobre as articulações espaço-temporais do campo de pesquisa e das relações neste estabelecidas.

Em seu texto “O espectador emancipado”, Rancière (2010b), ao debater sobre o teatro e suas concepções, aponta para o “paradoxo do espectador” (p.108), argumentando

sobre esta posição como uma condição necessária para o teatro, mas, ao mesmo tempo, compreendida de forma negativa, imbuída de uma passividade frente à cena. Em um primeiro momento, o autor analisa a posição do espectador como um olhar que é contraposto ao conhecer, ou seja, como um olhar que somente acessa a aparência dos acontecimentos, sem possibilidades de produção ou compreensão das condições que sustentaram a situação encenada.

Nesta argumentação, aquele que olha para o espetáculo permanece imóvel na sua cadeira, desprovido de qualquer poder de intervenção. Ser um espectador significaria ser passivo. Portanto, nesta primeira concepção sobre o espectador, ele estaria separado da capacidade de conhecer, assim como separado da possibilidade de agir (RANCIÈRE, 2010b).

Neste sentido, o paradoxo do espectador – que localizo aqui como a posição inicial do(a) pesquisador(a) – como pontua Rancière (2010a), está entre “olhar/saber; olhar/agir; aparência/realidade; atividade/passividade” (p. 115). Diante do paradoxo, estamos constantemente entre “o ato de ver e a passividade, entre externalidade e separação, mediação e simulacro; a oposição entre coletivo e individual, imagem e realidade viva, atividade e passividade, consciência de si e alienação” (p. 111). Tais oposições configuram-se não somente como lógicas, mas como localização, relacionada a distribuição estética dos espaços e posições ocupadas nos cenários.

Questionamentos sobre a localização do pesquisador aparecem, portanto, como exercício reflexivo constante sobre os caminhos a serem trilhados. Alguns destes questionamentos me acompanharam durante a pesquisa etnográfica realizada na construção da tese: o lugar de onde olhamos as cenas nos dá diferentes possibilidades de visibilidade das performances? a realidade apresentada na cena, seria efetivamente a realidade vivida fora dos palcos? Estaria eu, autorizada a adentrar nesse palco-campo? Quais elementos me fariam circular pelos bastidores? Para Rancière (2010b) a posição de espectador de uma cena:

Demanda espectadores que são interpretadores ativos, que oferecem suas próprias traduções, que se apropriam da história para eles mesmos e que, finalmente, fazem a sua própria história a partir daquela. Uma comunidade emancipada é, na verdade, uma comunidade de contadores de história e tradutores (RANCIÈRE, 2010b, p. 18).

O autor contrapõe a visão passiva do espectador, com a oportunidade de tornar-se ativo em ações coletivas, diminuindo as distâncias existentes entre a plateia e o palco. Desta forma, o espectador se aproximaria da emancipação, partindo do princípio da igualdade e compreendendo que a função de olhar também enseja mudanças e confirma situações. Do mesmo modo, olhar também constrói interpretações que reconfiguram a realidade, tendo em vista que suscita justamente o questionamento sobre o lugar de espectador/observador e as possibilidades de atuação.

Por isso, pensar sobre a existência do espectador(a) emancipado(a), cria condições

de possibilidade para problematizarmos o ato de pesquisas de campo participativas nas Ciências Humanas e Sociais como a configuração da atuação do(a) pesquisador(a) emancipado(a). Pois o processo metodológico alcança a dimensão de produção da realidade a partir do momento que cria formas de a interpretar, tornando-se mote para o questionamento sobre o modo de realização de nossas produções acadêmicas.

Conforme ressaltam Passos, Kastrup e Escóssia (2010), no contexto de metodologias participativas, o trabalho do pesquisador se refere a “agir com os diferentes acontecimentos, atentos às suas singularidades (...) ao invés de ir a campo atento ao que se propôs procurar, guiado por toda uma estrutura de perguntas e questões prévias” (p.144). Neste sentido, os desafios que se colocam presentes ao pesquisador ou pesquisadora que se dedica ao campo a partir do referencial de metodologias participativas tomam forma, exigindo que a reflexão contínua sobre seus saberes e práticas.

2.1 Cenas de pesquisa e roteiros possíveis

Considerando o intuito do presente capítulo de criar mediações para que possam ser problematizadas as formas de acesso e condução das pesquisas com referenciais participativos, recortes de cena de minha pesquisa de doutorado serão utilizados como mote para a discussão de alguns roteiros possíveis para aproximação com o campo investigativo, assim como sobre o levantamento e produção de informações. A pesquisa em questão teve como objetivo investigar as possibilidades de subjetivação política das Redes de Jovens vivendo com HIV/Aids no Brasil e sua (possível) constituição enquanto sujeito político.

Diante desse horizonte, fez-se necessário criar estratégias de acesso que possibilitassem acompanhar as cenas do cotidiano dos coletivos jovens, acessar os seus meandros de formação e compreender os cenários através dos quais se constroem as atuações políticas. Como quem ensaia para entrar em cena, saindo da posição de espectadora, para a de parte integrante do cenário, os primeiros passos para a realização do campo etnográfico anunciaram os desafios de quando se pretende fazer ciência a partir do rompimento com moldes embasados em pilares de uma suposta neutralidade.

Preparei-me para “entrar em cena” e acompanhar os encontros presenciais da Rede Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids. Tal movimento em direção ao campo provocou questionamentos, ao passo que interpelava-me: estar junto aos jovens na ocasião dos Encontros Nacionais de Jovens Vivendo com HIV/Aids, por si só, me faria compreender os meandros das negociações que ali aconteciam? Bastava-me “estar em cena”? Quais seriam as reais condições de circular pelos “bastidores” das articulações da Rede? Como reconhecer as diferentes posições que eu passava a ocupar no cenário?

Na tentativa de responder ou, pelo menos me localizar em meio aos questionamentos, entreguei-me aos deslocamentos provocados pela tese e compreendi que o estudo em si,

também fazia parte das possibilidades de apreensão situadas sobre o mundo (HARAWAY, 1995). Assim, funcionando como produto das articulações que pretendeu investigar, a sustentação no referencial metodológico funcionou como horizonte para o caminho a ser traçado.

Assumiu-se, portanto, a lógica processual de construção do método, como ação condizente com pesquisas etnográficas. Isso não significou, em nenhum momento, abrir mão das condições de formação do método, mas sim compreender que o estranhamento e a reflexividade (FONSECA, 1999) tornam-se bússolas de condução da investigação. Neste sentido, acompanhar a Rede Nacional de Jovens, em seus diferentes níveis de inteligibilidade, possibilitou estranhar minhas posições e, mais profundamente, compreender que a inserção enquanto pesquisadora se fazia limitada no sentido de apreensão da complexidade das relações e negociações existentes. Portanto, foi a partir de tais problematizações que a pesquisa teve seu roteiro transformado, assumindo o deslocamento provocado pela produção do conhecimento que se faz no cotidiano (SPINK, 2008).

No entanto, estar nesta posição não se configurou como tarefa simples. Tomando como inspiração a argumentação foucaultiana sobre a ação arqueológica da investigação, buscou-se compreender a formação dos caminhos de pesquisa e as estratégias/ ferramentas que possibilitariam um acesso mais aproximado da realidade investigada. Nas palavras do autor “Não tenho teoria geral e tampouco tenho um instrumento certo. Eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que são destinados a fazer aparecer objetos” (FOUCAULT, 2009b, p. 229).

Em meio ao exercício de reflexão constante sobre a posição ocupada por pesquisadores e pesquisadoras na relação com as pessoas e contextos aos quais se vinculam, as cenas que se desdobravam no campo de pesquisa movimentavam compreensões analíticas sobre as condições de participação no cenário de pesquisa e sobre o estar fora e o estar entre a realidade observada. O momento de chegada ou de entrada nos contextos observados, em uma análise geral, transita entre o estranhamento com a presença de uma pessoa desconhecida e a acolhida amigável e calorosa. Em todos os cenários, fui interpelada com perguntas ou gestos que, ora me colocavam em cena com possibilidades de participação ativa, ora mantinham certo distanciamento.

Como nas análises de Rancière (2010a), a posição inicial de espectadora me possibilitava compreender a cena na medida de minha distância. Ou seja, ora com delimitações que me deixavam ver mais as aparências, do que propriamente conhecer as nuances que compõem a realidade, ora me apresentava como um corpo vivo, com possibilidades de ação. Neste sentido, retomo a proposição de uma concepção de “espectatorialidade performativa”, posto que “a cena e a performance teatrais (...) se propõem a ensinar a seus espectadores os meios de deixar de serem espectadores e tornarem-se agentes de uma prática coletiva” (RANCIÈRE, 2010b, p.13), operando

transformações nas cenas.

A curiosidade inicial e necessidade de identificação perante um estranhamento com a presença da pesquisadora nos encontros coletivos com os(as) jovens, paulatinamente deram lugar a um reconhecimento e inclusão nos processos e acontecimentos das Redes. Especialmente com as inserções que seguiram a primeira entrada em campo, foi possível compreender que alguns significados já eram atribuídos a minha presença, o que, para a pesquisa etnográfica, torna-se um momento valioso, já que denota uma vinculação construída entre o/a pesquisador/a e o campo de pesquisa (SATO; SOUZA, 2001).

Contudo, nos meandros de configuração do período de campo de pesquisa, os sentimentos de não pertencimento ou a sensação de estar à deriva no processo também rondavam os questionamentos que tensionam a constituição de um(a) pesquisador(a) emancipado(a). Por isso, uma análise das implicações relacionadas ao movimento de produção do “estar em campo” se fez necessária, envolvendo o que Coimbra e Nascimento (2008) apontam, a partir da leitura de Lourau (2004), que para se compreender/investigar o social, é preciso saber como ele se processa em si e, neste sentido, o/a pesquisador/a coloca-se em análise na produção do estudo, levantando suas implicações e afetamentos diante do contexto investigado.

Assim, novamente na metáfora com o espectador emancipado, de Rancière (2010b), refletia sobre estar em cena, mas não acessar os bastidores; sobre sair da posição de espectadora na plateia, mas ainda estar diante de uma fragilidade na capacidade de acessar e compreender os meandros da trama. As indagações analíticas novamente ganhavam posição central, versando sobre os objetivos que me colocavam em campo, sobre como seria possível diminuir a distância entre a “plateia” e o “palco”, sem ferir a relação com as pessoas, ou mesmo parecer forçada ou utilitarista. Tal postura interrogativa sobre as posições enquanto pesquisador(a), pode operar transformações relevantes na condução das práticas de produção de conhecimento, consolidando uma ponte para o que estamos chamando aqui de pesquisador(a) emancipado(a).

Desta forma, solidifica-se o entendimento de que a construção processual do método, conforme destacou Foucault (2009b), fazia aparecer objetos a serem investigados. Ou seja, em uma perspectiva de pesquisa participativa e da construção de uma estratégia emancipada de investigação, o processo de relação com o campo não seria necessariamente dado pela via formal pesquisador(a)-campo, mas sim na afirmação da recíproca campo-pesquisador(a)-campo.

No modo de configuração do campo como espaço, Pellejero (2009, p.26) argumenta que um mundo comum “não pode ser apenas o resultado da sedimentação de um certo número de atos entrelaçados. É sempre uma distribuição polêmica da forma de se ser e das ‘ocupações’ no espaço dos possíveis”. Corroborando com o autor, a análise aqui situada aponta que a forma de organização dos espaços e os trânsitos realizados pelos pesquisadores não são neutros e, pelo contrário, atribuem implicações e engendram

lógicas de (in)visibilidade que compõem a estética das relações em campo.

As formas de organização sensíveis dos espaços ganham maior visibilidade diante do olhar analítico do pesquisador, tornando-se mote para que seus passos sejam guiados pela relação que se estabelece em ato, diante dos acontecimentos da realidade observada. Por isso, debruçar-se reflexivamente e esquematizar as compreensões advindas do campo tornam-se uma exigência prática para a passagem do estranhamento sobre a problemática, para as construções analíticas que dão corpo ao campo (FONSECA, 1999), especialmente em pesquisas etnográficas, como foi o caso do recorte apresentado.

3 | ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A RELAÇÃO COM O CAMPO

Considerando o panorama exposto e as argumentações que criam condições de emergência de estratégias emancipadas para o trabalho de campo em pesquisas de referencial metodológico participativo, serão descritas e problematizadas as três principais ferramentas utilizadas durante a pesquisa desenvolvida. A tríade foi composta por: observação participante, diário de campo e conversas do cotidiano; apostando na triangulação para uma aproximação que compreendesse a complexidade das experiências.

3.1 Observação Participante: a história vivida

A inserção no contexto pesquisado, quando pautada na ideia de investigação da realidade – sempre parcial e localizada – de determinados grupos, coletivos ou instituições, demanda meios de compreensão das relações estabelecidas histórica e cotidianamente. Observar, além de ser ação prática e diária, passa a ser entendida enquanto ferramenta metodológica que parte do pressuposto de colaboração mútua entre as pessoas envolvidas no processo, bem como abarca a teia de acontecimentos que atravessam o contexto pesquisado. A observação passa a ser, conforme ressaltam Cardona, Cordeiro e Brasilino (2014, p. 123), “produto de negociações complexas” no/com o campo pesquisado, constituída como um processo dialógico.

Realizar pesquisas mediadas pela observação é pautar a produção que se faz no encontro com as pessoas, na materialidade das existências, traduzindo-se, portanto, no processo de “conviver-para-observar”, como ressaltam Cardona, et al. (2014, p. 127). Assim, compõem-se o cenário de pesquisa como uma ação arqueológica de (re)construir o universo pesquisado a partir de uma postura dialógica (ROCHA; ECKERT, 2008; FOUCAULT, 2009b).

No caso da pesquisa que ilustra esse capítulo, a observação participante se deu em encontros presenciais da Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids e da Rede Jovem Rio +, que compuseram os cenários sobre os quais as observações ganharam forma. Tal estratégia sustentou o estudo, mediante a possível instabilidade quando se abre mão de roteiros pré-estabelecidos (BATISTA, BERNARDES; MENEGON,

2014). Como modo de familiarização com o campo investigado, foi preciso adentrar um complexo e amplo processo de negociações entre os atores pertencentes ao campo/cena; considerando que a familiaridade no campo etnográfico é construída de forma recíproca, até que, com o tempo, o/a pesquisador/a passe a “fazer parte da paisagem” (SATO; SOUZA, 2001, p. 41).

Neste caso, observar as Redes de Jovens Vivendo com HIV/Aids implicou em um deslocamento e inserção em uma realidade singular, que diz respeito ao universo jovem e, mais especificamente, de jovens vivendo com HIV/Aids. Segundo Angrosino (2009), a observação participante aponta para a necessidade de compreendermos os elementos presentes, ou seja, a rede de contatos, o tempo disponível, os recursos necessários, as decisões a serem tomadas, entre outros.

Nas atividades de campo, mais do que sentir a receptividade dos/as participantes, havia uma concepção de importância sobre a realização da pesquisa. Não foram raros os momentos em que os/as jovens agradeceram afetuosa e minuciosamente minha presença (como se o fato de a realização de um estudo sobre as Redes, valorizasse suas ações) ou colocaram-se disponíveis para contribuir com a pesquisa.

Para as pessoas do local interessa saber quem somos, porque nos interessamos por conhecê-las, por conhecer seu dia-a-dia, os jeitos de se comportar e se relacionar; interessa também saber qual a utilidade – benéfica ou maléfica – que nossa pesquisa terá; qual nossa real intenção, não expressa (SATO; SOUZA, 2001, p.35).

Como observadora e, considerando a forma como fui apresentada, estava autorizada a vivenciar e registrar os processos e acontecimentos que se apresentam no cotidiano. Contudo, nos desdobramentos das inserções para observação, os atravessamentos que compunham o campo também me acessavam, tornando-me parte da cena. Ou seja, a posição de espectadora emancipada, como denota Rancière (2010b), começa a ganhar forma, abrindo espaço para a emancipação também dos passos da pesquisadora, que compreende os meandros de formação do campo no ato de sua relação com o mesmo. Para Rocha e Eckert (2008, s/p):

A acuidade de observar as formas dos fenômenos sociais implica na disposição do(a) pesquisador(a) a permitir-se experimentar uma sensibilidade emocional para penetrar nas espessas camadas dos motivos e intenções que conformam as interações humanas, ultrapassando a noção ingênua de que a realidade é mensurável ou visível, em uma atitude individual.

A despeito de uma busca pela verdade ou mesmo de um conhecimento sobre o todo, a observação traz à tona os sentidos produzidos, os discursos de saber/poder que sustentam posições, as fissuras que irrompem tensionamentos, os dissensos que fazem emergir a política sobre a vida. Conforme ressaltam Cardona, Cordeiro e Brasilino (2014), em diálogo com Spink (2008, p. 129), a prática da observação deve ser permeada por “posturas críticas que dêem visibilidade às iniquidades, desigualdades ou mesmo a construção de propostas conjuntas de ação”. Portanto, para a pesquisa realizada, tornou-

se fundamental compreender os jogos que sustentavam determinados lugares de fala e de visibilidade, os sentidos produzidos nas relações e, principalmente, as condições de possibilidade de existência da política na arena comum.

Vale lembrar que observar também implica em um registro honesto e sistemático da experiência, pois é nesta atividade que se assume a co-construção das situações presenciadas. Este exercício demanda ferramentas que organizem tal prática, compondo outro ponto das estratégias utilizadas para a apreensão do campo.

3.2 Diário de Campo: “Você está escrevendo um livro sobre nós?”

Registrar o universo de histórias, enredos, relações e acontecimentos existentes nos espaços pelos quais circulei como pesquisadora foi, talvez, a tarefa mais desafiadora, mas também a mais assertiva que tive durante os anos de pesquisa de campo. Desafiadora, pois traduzir a multiplicidade dos fatos observados e a riqueza de situações advindas da relação com os cenários tornou-se uma das maiores responsabilidades da investigação. Ao mesmo tempo, mostrou-se como o caminho mais acertado, pois a partir do exercício contínuo de transcrever a realidade, compreendi o desenho da pesquisa, decidi sobre os direcionamentos metodológicos a serem tomados e me mantive constantemente em reflexão sobre a prática de produção de conhecimento. O exercício da escrita do diário de campo produz, portanto, uma constante vigilância epistemológica por parte do/a pesquisador/a (ROCHA; ECKERT, 2008).

O registro contínuo e rigoroso sobre os acontecimentos do campo pode apontar para questões estratégicas no desenrolar da investigação, como a necessidade de mudanças de panorama, de novas observações ou mesmo de pensamentos que afetam o pesquisador ou a pesquisadora no curso do trabalho. Ao longo do tempo, as anotações sobre os acontecimentos observados tornam-se mais fluentes e específicas, fazendo fluir concepções cada vez mais próximas do universo observado (BATISTA, ET AL., 2014).

Considerando a relevância da observação, já destacada no tópico anterior, o diário de campo apresentou-se então como ferramenta valiosa de apreensão e construção do campo, assim como das trocas dialógicas estabelecidas. A prática do diário possibilita recriar formas e realidades e construir uma estrutura narrativa que dá vida ao universo observado a partir das anotações de compartilhamentos da vida cotidiana. Esta ferramenta se transforma no espaço para a organização de ideias, onde são feitas as amarrações de pensamentos e ações em campo (ROCHA; ECKERT, 2008).

Na perspectiva de metodologias qualitativas “temos que refletir sobre a realidade que queremos contribuir para criar, manter ou transformar através de nossas práticas” (CORDEIRO, FREITAS, CONEJO; DE LUIZ, 2014, p. 40). Nesta concepção, a pesquisa é vista enquanto prática que produz efeitos sobre práticas e, assim, o/a pesquisador/a precisa assumir responsabilidade sobre a exploração do campo e sua descrição, tornando-se agente ativo da produção do mundo observado, caminhando no sentido de

um/a pesquisador/a emancipado/a.

Observar e registrar sistematicamente passam a ser, portanto, um exercício de relação entre a objetividade e a subjetividade existentes nas cenas. Uma desafiante e solitária trajetória de compreender o visível, o dizível e tentar acessar o que se coloca no “entre” dessa relação. Neste sentido, a reflexividade aparece como noção central e duplamente importante, pensando os impactos tanto sobre as interpretações, quanto sobre os efeitos da presença do/a pesquisador/a no campo pesquisado (CORDEIRO, ET AL., 2014). Na pesquisa que ilustra esse capítulo, as anotações em diário assumiram papel fundamental na construção do processo de pesquisa, tornando-se espaço de problematizações, descrições, transcrições, indagações, inseguranças e reflexões. Batista, Bernardes e Menegon (2014), o desafio de rever-se constantemente como pesquisador em ação aponta para o compromisso com o que se produz, colocando em questão os efeitos de sua ação no campo. O diário passou a funcionar também como “local” para o qual eu retornava nos momentos em que precisava me situar em campo. Logo, o caderno de registros adquiriu dimensão simbólica sendo, muitas vezes, companhia em momentos solitários do campo e, em outros, representação sobre a razão de minha existência naquele contexto.

A relação com o diário de campo, em alguns momentos, também foi apontada pelos/as próprios/as jovens. Situações como a que deu nome a este tópico, quando um jovem me perguntou “*Você está escrevendo um livro sobre nós?*”, ou quando outro jovem se referiu a mim, dizendo: “*Anota aí que isso é importante!*”, apontando para o meu caderno, demonstram a posição ocupada pelo registro das informações e representada pelo diário. Em outro momento, um jovem disse: “*Ela é pesquisadora, está fazendo uma pesquisa sobre nós*”, referenciando minhas anotações e apresentando uma posição para a participação enquanto pesquisadora no contexto. Tais interlocuções também provocaram decisões em quais momentos as anotações se faziam possíveis e, em quais elas poderiam me afastar ou diferenciar no contexto de pesquisa. Ciente desta condição, realizar gravações em áudio, com minhas impressões sobre o campo, tornou-se uma estratégia importante. Passei a registrar com gravador de voz, de forma descritiva, as observações realizadas nos cenários. Também foram feitos registros de pensamentos, sensações e afetações causadas pelo campo. Tais gravações foram realizadas logo após as observações e acontecimentos – no momento que se faziam oportunas – e transcritas para o diário.

Por ter adquirido tamanha centralidade no desenvolvimento da pesquisa, as anotações tornaram-se material empírico de análise propriamente dita. Com isso, a produção de informações transcritas no diário de campo foi o principal insumo sobre o qual me debrucei com o arsenal analítico da etnografia.

3.3 Conversas e relatos: (in)formalidades das narrativas

Entre caminhos de observação e tantos registros sobre o campo, existiram conversas, que deram sentido ao processo de pesquisa. A formação enquanto conversas e não

enquanto entrevistas, se deu pois os diálogos não foram guiados por roteiros, nem mesmo, forjadas *a priori* enquanto ferramenta para a produção de material analítico. Trataram-se de conversas que aconteciam nas cenas vivenciadas, ora relatos espontâneos, ora diálogos disparados pela investigação.

Desprovida de roteiros, mas com a vigilância constante de uma observação acurada e registro sistematizado, bem como amparada pela linha metodológica, as conversas permitiram um acesso mais livre sobre os meandros do campo. Ao assumir essa postura, foi relevante manter a preocupação referente ao fato de conseguir alcançar os jogos de poder, as disputas, as oposições e delimitações estabelecidas, assim como superar os jogos de sedução no que se refere à escuta da pesquisadora sobre as diferentes realidades observadas. As muitas horas de convivência nos momentos dos encontros viabilizaram a transposição do lugar da plateia, para o palco, do palco, para os bastidores, sempre como recorte da realidade observada, na metáfora com os lugares e movimentos para um(a) espectador-pesquisador emancipado.

Vivenciar os momentos, formais e informais, foi de relevância significativa para a produção da tese. Como argumenta Spink (2008), fatos como os (des)encontros, o que é dito e o que é silenciado, os acasos e as linhas pré-moldadas de ação, são também momentos de produção do cotidiano. Neste sentido, os lugares nos quais essas relações acontecem podem ser variados, não obedecendo a uma lógica de formatação previamente estabelecida. Em campo de pesquisa, muitas vezes os momentos em que as conversas pareciam mais informais foram os espaços reservados para lanches, cafés, almoços, ou mesmo os momentos anteriores e posteriores às atividades programadas. Foi neste sentido, também, que abri mão de qualquer instrumento que me afastasse da rotina e do fluxo intenso de trabalho e de acontecimentos dos cenários. Ou seja, decidi reconhecer os fluxos de relações e a multiplicidade dos espaços (BATISTA, ET AL., 2014) para poder, assim, compreender as formações estéticas de distribuição dos lugares transitados.

Autores/as como Batista, Bernardes e Menegon (2014) reafirmam a credibilidade dos processos e instrumentos que mediam o levantamento de informações. No entanto, ressaltam a necessidade de se refletir sobre as estratégias utilizadas. Para estes autores, “a conversa, normalmente, é aprisionada e cristalizada sob a égide de um script materializado por nomes diversos: entrevista, questionário, grupo focal, testes, dinâmicas e correlatos” (p.100). Neste sentido, compreender a conversa fora dos moldes legitimados de instrumentalização da ciência, é compreender que as relações que se dão no cotidiano informal das práticas discursivas também compõem o contexto analisado.

Nesta perspectiva, assume-se que as concepções críticas, éticas e metodológicas se articulam na compreensão da realidade, numa relação dialógica que possibilita a aproximação entre o(a) pesquisador(a) e as pessoas que compõem o universo do campo (CARDONA, ET AL., 2014). Estar em cena/campo é, portanto, uma experiência situada, demarcada, atravessada de sentidos produzidos na relação com o outro. Nesta

perspectiva, assumir as conversas como elemento fundamental “implica em posicionar as pessoas participantes como protagonistas na construção do conhecimento” (BATISTA, ET AL., 2014, p. 101).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além da tentativa de formalizar o processo metodológico, estar em campo de pesquisa com uma perspectiva participativa e de ruptura com uma suposta neutralidade, convoca a visitar nossas afetações e atravessamentos produzidos pelas experiências observadas. Fine, Weis, Weseen e Wong (2006) apontam que há uma linha tênue entre o que representam as “boas histórias” (p.125) para o(a) pesquisador(a) e o que são as falas e momentos observados – muitas vezes, produtos de violências e processos históricos de discriminação – em campo. Observar os diálogos existentes e, ao mesmo tempo, me inserir como interlocutora em alguns deles sem, no entanto, ferir os limites de aproximação e intimidade existentes, tornaram-se reflexões éticas que guiaram o processo de pesquisa.

Em pesquisas das áreas de Ciências Humanas e Sociais, é preciso encontrar meios para traduzir o que se vê e refletir sobre o que se sente, ao mesmo tempo em que mantém-se a preocupação em representar, de forma mais aproximada, a voz da população observada/investigada (ROCHA; ECKERT, 2008). Sustenta-se ainda, neste sentido, o compromisso de que a pesquisa seja instrumento de visibilidade e dizibilidade sobre as práticas, escapando de lógicas que reproduzem silenciamentos sobre populações já historicamente submetidas à invisibilidade.

Neste sentido, conhecer o campo enquanto materialidade, com suas relações, lógicas e dinâmicas próprias, passa a ser um dos principais objetivos, mas também um desafio das pesquisas que pretendem construir outras formas de se compreender e produzir o mundo. É preciso reconhecer os limites das argumentações que acessam um recorte da realidade investigada, buscando problematizar, a partir das cenas observadas, as formas de operação que sustentam as condições de existência e modos de subjetivação perpetrados nos espaços e relações em questão em cada pesquisa.

Torna-se parte do processo refletir sobre os limites de apreensão do que se investiga, assim como sobre a responsabilidade ética e política de criar contornos de inteligibilidade científica ao que se presencia. Tal dinâmica do campo ocorre no limite do espaço e tempo em que os acontecimentos emergem, denotando a relação apontada por Rancière (2010b) entre a configuração do espaço e a constituição estética do mundo sensível. Na configuração moderna da política, a estética apareceria, a partir da perspectiva do autor, como o novo nó que liga a ordem da comunidade e a divisão do sensível, ou seja, “uma forma de mapeamento do visível, uma cartografia do visível, do inteligível e também do possível” (Rancière, 2010b, p. 87).

Enquanto posicionamento, as argumentações e reflexões apresentadas no

desenrolar deste capítulo, pautam uma construção do conhecimento para além de formas que condicionam elementos metodológicos a perspectivas que operam visões tecnicistas do saber. Isso, diante de um momento político e cultural que se mostra, de certa forma, hostil a práticas de pesquisa que se dediquem à reflexão política e não naturalizadas da vida, torna-se um desafio e, quem sabe, uma forma de resistência.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009

BATISTA, C., BERNARDES, J., MENEGON, V. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. *In*: SPINK, M; BRIGADÃO, J; NASCIMENTO, V; CORDEIRO, M (orgs). **A produção de informação na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014

CARDONA, M; CORDEIRO & R; BRASILINO, J. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. *In*: SPINK, M; BRIGADÃO, J; NASCIMENTO, V; CORDEIRO, M (orgs). **A produção de informação na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014

COIMBRA, C; NASCIMENTO, M. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. *In*: GEISLER, A; ABRAHÃO, AL & COIMBRA, C. (orgs). **Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde**. Niterói: EDUFF, 2008

CORDEIRO, M., FREITAS, T., CONEJO, S; DE LUIZ, G. Como pensamos ética em pesquisa. *In*: SPINK, M; BRIGADÃO, J; NASCIMENTO, V; CORDEIRO, M (orgs). **A produção de informação na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014

FINE, M., WEIS, L; WESEEN, S. & WONG, L. Para quem? Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais. *In*: DENZIN, N. & LINCON, Y. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de Educação**. n.10, 58-78, 1999

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. (13a ed). Rio de Janeiro: Graal, 2009a

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber** (7ª ed). São Paulo: Forense Universitária, 2009b

GALINDO, D., MARTINS, M.; RODRIGUES, R. Jogos de armas: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano de pesquisa. *In*: SPINK, M; BRIGADÃO, J; NASCIMENTO, V; CORDEIRO, M (orgs). **A produção de informação na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, 07-41, 1995

LOURAU, R. Implicação e Sobre Implicação. *In*: ALTOÉ, S, **René Lourau**: analista institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004

PASSOS, E., KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2010

PELLEJERO, E. A lição do aluno: uma introdução à obra de Jacques Rancière. **Saberes**, n. 2, v. 3, 18-30, 2009

RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Ed.34, 1996a

RANCIÈRE, J. O dissenso. In: NOVAES, A. (org). **A crise da Razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b

RANCIÈRE, J. Nossa ordem policial: o que pode ser dito, visto e feito. In: **URDIMENTO – Revista de estudos em Artes Cênicas**, n.1, v. 15, 81-90, 2010a

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. In: **URDIMENTO – Revista de estudos em Artes Cênicas**, n.1, v.15, 107-122, 2010b

ROCHA, A.L & ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C; GUAZZELLI, C (orgs). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SATO, L; SOUZA, M. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. **Psicologia USP**, n.12, v. 2, 29-47. 2001

SCHIMIDT, M.L & TONIETTE, M. A relação pesquisador-pesquisado: algumas reflexões sobre a ética na pesquisa e a pesquisa ética. In: GUERRIERO, I; SCHIMIDT, M.L & ZICKER, F. Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais. São Paulo: Hucitec, 2008.

SPINK, P.K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 20 (num.esp), 70-77, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura Familiar 64, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 165

Análise Institucional 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28

Aprendizagem 6, 7, 8, 11, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 60, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 154, 156, 162, 201, 208, 212, 213, 214, 215, 216, 222, 223

Aprendizagem Ativa 134, 141

B

Bullying 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16

C

Campo 3, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 142, 146, 149, 151, 164, 166, 174, 176, 180, 189, 191, 199, 221, 223

Ciência 27, 29, 31, 39, 59, 60, 89, 95, 102, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 159, 166, 169, 173, 176, 205, 212, 214, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 228, 229, 230

Comunicação 7, 8, 118, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 192, 194, 221, 222, 231

Conhecimento 5, 20, 21, 25, 26, 27, 31, 32, 36, 38, 40, 45, 47, 50, 53, 54, 56, 65, 72, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 103, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 139, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 156, 159, 162, 165, 167, 168, 185, 186, 189, 194, 210, 211, 215, 218, 220, 223, 231

Construção do Conhecimento 103, 104, 134, 139

Cotas 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 75, 194, 195, 197

D

Diário de Campo 91, 93, 98, 100, 101, 126

E

Educação 1, 3, 4, 16, 17, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 132, 134, 135, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 200, 201, 202, 206, 208, 210,

211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Emancipação 61, 91, 94, 99

ENADE 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Ensino 11, 16, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 76, 77, 86, 87, 89, 91, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 134, 135, 136, 137, 142, 148, 149, 154, 156, 161, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 188, 189, 191, 193, 195, 200, 201, 202, 206, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Escola Democrática 1, 4

Expansão 106, 117

F

Formação Continuada 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 60, 225, 226

Função Social 41, 44, 49, 51, 143, 196, 197

I

Implicação 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 104, 192

Inclusão 32, 55, 56, 57, 61, 73, 87, 97, 197, 223

Indicadores de Qualidade 106, 107, 108, 110, 116, 117

M

Metodologia 18, 21, 26, 27, 36, 39, 41, 78, 107, 117, 133, 134, 135, 136, 140, 176, 191, 192, 209, 213, 214, 222, 224, 229

Metodologias Ativas 134, 141

Moralidade 1, 3, 173

Movimentos Sociais 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 73, 75, 86, 88, 156, 187, 192, 194, 199, 200

O

Observação Participante 91, 93, 98, 99, 104

P

Pedagógicas 41, 42, 49, 50, 51, 54, 86, 90, 149, 155, 161, 163, 167

Pesquisa 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 37, 38, 39, 41, 50, 55, 56, 57, 62, 64, 69, 79, 84, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 135, 142, 143, 144, 145, 150, 151, 153, 163, 167, 168, 169, 170, 190, 192, 193, 201, 202, 209, 211, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 229, 230

Pesquisa Acadêmica 18, 22

Pesquisa de Campo 16, 91, 100

Pesquisador 5, 7, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 118, 119, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 149, 165, 224

Pós-Graduação 38, 63, 91, 106, 133, 142, 143, 145, 150, 151, 153, 171, 194, 217

Práticas 3, 16, 38, 41, 42, 49, 50, 51, 54, 74, 84, 86, 90, 95, 97, 100, 102, 103, 104, 105, 109, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 144, 145, 151, 155, 163, 167, 177, 200, 205, 216

Professor Mediador 134

Projeto de Extensão 29, 30, 31, 32, 38

Psicologia 1, 3, 17, 18, 20, 23, 24, 27, 28, 40, 91, 92, 104, 105, 120, 130, 151, 182, 186, 200, 214, 216, 219

S

Sujeito Social 41, 44, 169, 204, 211

T

Teorias Críticas 142, 145, 149, 150, 151

V

Vagas 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 109

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020